

O LABIRINTO DO ATO DE ESTUDAR NA ERA DIGITAL: CONSIDERAÇÕES TEMPESTIVAS

THE LABYRINTH OF THE ACT OF STUDYING IN THE DIGITAL AGE: TIMELY CONSIDERATIONS

Cristiano Santos Araujo¹¹
Priscila Santos Araujo¹²
Ramayca Helen de Lima Resende¹³

RESUMO: Rediscutir a educação brasileira é um labor constante, assim como é um enorme desafio lançar um olhar mais acurado sobre caminhos das relações de ensino e aprendizagem de estudantes, visto que os avanços das tecnologias na era digital se impõem àqueles que trabalham e sobrevivem nessa seara educacional, sobretudo no entrelugar do ato de estudar e das condições para fazê-lo. Este artigo apresentou uma pesquisa bibliográfica que fez o recorte do ato de estudar na era digital na perspectiva de uma incursão na filosofia e na educação brasileira a partir da discussão de autores centrais, a saber: em primeiro lugar, “Sobre o ato de estudar na era digital” discutiu-se a partir de Morin (2003), Palfrey; Gasser (2011) e Bates (2017); em segundo lugar, “Sobretudo, o labirinto do ato de estudar”, dialogou-se com Larossa (2017) e Libanio (2001); e por fim, “Sob o ato crítico de estudar”, Paulo Freire (2001; 2011), Platão (2001), Severino (2017), Marconi; Lakatos (2017) e Lima (2021). Portanto, destacou-se a potencialidade de construção de uma educação cuja materialidade e intenção promova o espaço e tempo para o esclarecimento, para a diversidade e para a criticidade em relação à educação e ao ato de estudar, por conseguinte, a formação humana está no centro do debate proposta na dimensão de um dos níveis da educação popular brasileira.

Palavras-chave: Ato de estudar; Era digital; Labirinto; Educação popular.

ABSTRACT: Re-discussing brazilian education is constant work, just as it is an enormous challenge to take a more accurate look at the paths of student teaching and learning relationships, given that advances in technology in the digital era impose themselves on those who work and survive in this educational field, especially in the gap between the act of studying and the conditions for doing so. This article presented a bibliographical research that focused on the act of studying in the digital era from the perspective of an incursion into brazilian philosophy and education based on the discussion of central authors, namely: firstly, “On the act of studying in the digital era” was discussed based on Morin (2003), Palfrey; Gasser (2011) and Bates (2017); secondly, “Above all, the labyrinth of the act of studying”, was discussed with Larossa (2017) and Libanio (2001); and finally, “Under the critical act of studying”, Paulo Freire (2001; 2011), Platão (2001), Severino (2017), Marconi; Lakatos (2017) and Lima (2021). Therefore, the potential for building an education whose materiality and intention promotes space and time for clarification, diversity and criticality in relation to education and the act of studying was highlighted. Therefore, human formation is at the center of the debate proposed in the dimension of one of the levels of Brazilian popular education.

Keywords: Act of studying; Digital era; Labyrinth; Popular education.

¹¹ Doutor em Literatura e Práticas Sociais (UnB). Doutor em Ciências da Religião (PUC Goiás). Professor na UECE. E-mail: cristiano.araujo@uece.br

¹² Mestra em Educação Bilíngue (INES). Graduada em Letras-Libras (PROMINAS). Graduada em Pedagogia Bilíngue (INES). E-mail: pripiucanedo@hotmail.com

¹³ Graduada em Psicologia (Centro Universitário FacUnicamps). Pós-graduada em Psicologia Social (PROMINAS). Pós-graduanda em Psicologia da Educação (CENES). E-mail: psiramaycahelen@gmail.com

INTRODUÇÃO

*Caminante, son tus huellas; el camino y nada más;
Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino, y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca; se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino, sino estelas en la mar.*

Antonio Machado¹⁴

O ser humano, do nascer ao morrer, está ligado diretamente aos processos de aprender e ensinar. Entre os contatos com o mundo, no processo de escolarização, nos muitos caminhos da educação como formação humana, que ultrapassa o espaço escolar, deve-se tomar o cuidado de não se afogar na imensidão das informações da era digital, dos algoritmos como texto, das cavernas modernas, bem como dos totalitarismos, fascismos e intolerâncias que insistem em conduzir coercitivamente nosso tempo de Revolução digital, mas também de Revolução Informacional.

Ademais, nesse balaio de agentes e caminhos, o labirinto da educação como processo formativo humano forma encruzilhadas que são oportunidades de acesso, chegada e direções a seguir, assim, de alguma maneira, chegam ao funil de ciência e consciência na qual a educação como um ato político se mantém como pedra angular da sociedade. E nelas, se constituem o ato de estudar como parte intrínseca que ultrapassa a escolarização na infância, adolescência e juventude com as devidas marcas e desafios de cada época, política e cultura. Logo, os acessos, direções e caminhos da educação e do ato de estudar são constantemente rediscutidos no campo de tensões e das respectivas operações pedagógicas para a formação humana.

Este artigo apresentou uma pesquisa bibliográfica que fez o recorte do ato de estudar na era digital na perspectiva de uma incursão filosófica da educação brasileira a partir da discussão de autores centrais, a saber: em primeiro lugar, “Sobre o ato de estudar na era

¹⁴Cf. MACHADO, António. "Proverbios y cantares", XXIX. In: *Poesías completas*. Madrid: Espasa-Calpe, 1983. *Tradução livre*: “caminhante, são teus passos; o caminho e nada mais; caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar. Ao andar se faz caminho, e ao voltar a vista atrás se vê a senda que nunca se voltará a pisar; caminhante, não há caminho, mas sulcos de escuma ao mar”.

digital” discutiu-se a partir de Morin (2003), Palfrey; Gasser (2011) e Bates (2017); em segundo lugar, “Sobretudo, o labirinto do ato de estudar”, dialogou-se com Larossa (2017) e Libanio (2001); e por fim, “Sob o ato crítico de estudar”, Paulo Freire (2001; 2011), Platão (2001), Severino (2017), Marconi; Lakatos (2017), Lima (2021).

O ato de estudar, e de ir se formando, não se reduz à sala de aula, ou a um outro ambiente apenas, a alquimia intencional dessa abordagem espaço-tempo perpassa sim pela escola, mas também nos contatos com o mundo, entre leituras e escritas de si e do outro nas interações sociais de desenvolvimento pessoal, educacional, profissional, sociocultural dentre outros caminhos a serem alargadas as fronteiras da existência. Dessa forma, quem é sujeito nas relações modernas de ensino-aprendizado? O que está em jogo? Pedagogicamente, pode-se pensar que é o estudante e a sua formação, sobretudo dentro do projeto presente futuro que essa pessoa consegue enxergar ao assumir as rédeas desse processo na era digital. Assim, o que está em jogo, a princípio, é a formação humana, acadêmica e profissional do estudante em nossa contemporaneidade, assim como que tipo de gente essa operação pedagógica, antes e depois da escola, dentro e fora da escola, tem formado, ou não. De outro modo, poderia se questionar o tipo de educação na qual acredita-se e pratica-se.

SOBRE O ATO DE ESTUDAR NA ERA DIGITAL

O mundo da educação mudou mais um degrau também por causa da pandemia de Covid-19, nos anos de 2020 a 2022, o ensino híbrido em progressiva utilização se consolidou e se estabeleceu. Aprender a aprender, de modos e maneiras distintas, é uma questão implícita a cada geração. Oriundos da era digital do século XXI, temos cursos online, plataformas de ensino, bibliotecas virtuais, redes sociais com viés científico, revistas acadêmicas, sites de departamentos universitários espalhados pelo Brasil e pelas redes, o celular nas mãos e assim por diante. Uma avalanche de informações diante de um mundo de acessos aos conhecimentos, logo, o desafio premente é não se perder nele. Nessa nova Revolução informacional, é preciso saber delimitar, pesquisar, buscar, encontrar, ler, aprender e dialogar, mas também é preciso saber usar os meios e acessos ao conhecer. Portanto, para o estudante normal é urgente não apenas ter uma cabeça cheia, contudo, ter uma cabeça bem feita (Morin, 2003). E para essa formatação, pode-se ressignificar a

própria identidade pessoal, social, e doravante, digital, em relação aos processos de ensino-aprendizado do ato de estudar na qual cada pessoa se envolve.

A quem é nascido no século XXI, criou-se a alcunha de “nascidos digitais” (Palfrey; Gasser, 2011). Os autores deste artigo nasceram no milênio passado, no mundo pré-internet, viram máquina de datilografia, câmera fotográfica, televisão de tudo *etc: tempus fugit*. Talvez, e provavelmente, para os nascidos digitais, nunca viram uma máquina de datilografia. Pois é, nasceram com notebooks, tablets, smartphones e redes sociais. Mundos distintos. Estamos todos nele agora, no final do primeiro quarto do século XXI, onde os diversos conhecimentos estão nas mãos do estudante através das materialidades tecnológicas e das redes digitais.

Os nativos digitais nasceram e cresceram em mundo no qual as novas tecnologias são usadas com muita intensidade, a geração dopamina do arrasta para cima, ou seja, eles nasceram na era digital, e conseqüentemente, não deveriam apresentar grandes dificuldades em utilizar e se adaptar às novas possibilidades do ato de estudar. Contudo, isso não tem sido garantia de sucesso porque a avalanche de informação pode provocar o sufocamento do próprio tempo cerebral para a aquisição de conhecimentos. Já os imigrantes digitais, são aqueles que não nasceram no auge da “era digital”, porém, fazem uso, ou buscam utilizar as tecnologias em suas vidas dentro de suas capacidades, logo, apresentam certos problemas em se adaptar a essas inovações, tornando-se mais difícil para alguns, visto que, a maioria desses imigrantes digitais possuem dificuldades em deixar antigos métodos para trás, e conseqüentemente, atualizar-se para o presente futuro acadêmico-profissional-existencial, ou seja, torna-se um renascido digital.

Reafirmamos que independente se você é do milênio passado ou deste, é necessário ressignificar sua identidade educacional, pessoal, social, profissional à luz do mundo digital no qual estamos mergulhados. No caso dos universitários nascidos ou renascidos na era digital, o processo de ensino-pesquisa-extensão é um caminho sem volta e, por conseguinte, “a internet é um laboratório virtual para experimentos no desenvolvimento da identidade” (Palfrey; Gasser, 2011, p. 36). Controle do tempo e dos espaços para pesquisar, ler, interpretar e escrever é um desafio no uso da liberdade na internet, assim sendo o universitário deve transformar informação em conhecimento, bem como transformar informação em formação humana (educação). E dessa forma, não aceitar

sobreviver com a cabeça bem cheia, porém, ter uma cabeça bem feita, com os devidos conhecimentos organizados.

Edgard Morin (2003) mostra que a Educação é uma palavra forte, e a utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano é a base para a formação contemporânea. O termo “formação”, com suas conotações de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo que objetiva encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito. A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.

Em algumas escolas ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas da prática em vez de reuni-los e integrá-los. Obrigam o estudante a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. O desafio da globalidade na era digital é também um desafio de complexidade (Morin, 2023). Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade, uma delas é o ato de estudar na era digital.

O conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita (Morin, 2003). Morin defende que a finalidade do ensino foi formulada por Montaigne: *mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia*. O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio, é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. Uma cabeça bem-feita significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas, ou seja, princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido.

Nessa demanda, Bates, na obra “Educar na era digital” (2017), põe na mesa de discussão professores, estudantes, comunidades escolares e universitárias estão enfrentando mudanças sem precedentes e constantes no que tangem às tecnologias, sobretudo em relação à natureza da mudança do conhecimento e as diversas abordagens de ensino-aprendizagem, em relação à ciência e à pesquisa, sobre cursos presenciais, online ou híbridos, e quais estratégias e métodos funcionam melhor nas diversas abordagens e possibilidades, incluindo os contextos nos quais se realizam a perspectiva de ensino-aprendizagem que no século XXI. Ou seja, uma nova sociedade do conhecimento na era digital, imersa numa nova economia tecnológica, para nascidos e renascidos na era digital. Logo, também exigem novas habilidades para o gerenciamento de conteúdo e competências para a comunicação, os aprendizados de forma independente, a ética e a responsabilidade, o trabalho em equipe e a flexibilidade, bem como as habilidades de pensamento nas competências digitais.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento da inteligência geral requer que seu exercício seja ligado à dúvida, e uma cabeça bem-feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos. O desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo da educação. Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras, o processo é circular, o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese.

SOBRETUDO, O LABIRINTO DO ATO DE ESTUDAR

A experiência e o sentido do ato de estudar, de alguma maneira, perpassam a articulação do que entendemos sobre a ideia de educação e formação, sobretudo em relação às transformações do que sabemos para a liberdade de ser outra coisa para além do vimos sendo. Algo que se direciona sobretudo em relação à experiência da leitura, escrita e ao controle pedagógico da relação ensino-aprendizagem. Logo, a ideia de formar significa dar forma, ou tornar-se conformado mediante um modelo idealizado do ser humano, mas também uma proposta de desenvolvimento de disposições outras de

caminhos, até mesmo subversivos, mediante a maturidade do sujeito, bem como a projeção de si, ou de alguém, para seu presente futuro mais plural e diverso.

Entre relatos pessoais e projetos de operações pedagógicas para uma educação contemporânea, o ato de estudar também se refere à imagem do estudante. Jorge Larossa, no livro “Pedagogia profana” (2017), especificamente no capítulo “Imagens do estudar”, afirma uma tese basilar, contudo, aparentemente esquecida: “o estudante estuda” (Larossa, 2017, p. 178). Ou seja, independente da instrumentalização em questão, é uma atenção tensionada e voltada a si e ao ato como um gesto do estudar, o silêncio e a solidão que tranca o estudante em um distanciamento do mundo exterior. Dessa forma, o estudo torna-se a única distração do estudante, portanto, a suprema não distração da interrupção. Aqui se interpõe o desafio e a debilidade do estudante, ao mesmo tempo a sua força, porque somente o estuda ameaça o estudante (Larossa, 2017). O que está em jogo é um processo de escolha, abandono e renúncia de tempo feroz e esforço crônico-cumulativo rumo ao lugar seguro da operação pedagógica do ato de estudar. Algo que pode se perder ou se achar nesse processo novo, entretanto, necessário, o labirinto do ato de estudar.

O labirinto é a figura que serve como o lugar do estudo. Mas não se trata, aqui, do *labor intus*, circular e unívoco, aquele que não tem bifurcações – *bivia* – e que tem apenas um caminho que leva inevitavelmente ao centro, do centro ao último círculo, daí novamente ao centro e, assim, indefinidamente. O labirinto que acolhe o estudante não tem um ponto central que seja o lugar do sentido, da ordem, da claridade, da unidade, da apropriação e da reapropriação constante. O *dédalo* que o estudante percorre, multívoco, prolífico e indefinido é um espaço de pluralização, uma máquina de desestabilização e dispersão, um aparelho que desencadeia um movimento infinito de sem sentido, de desordem, de obscuridade, de expropriação. O estudante dispersa-se nos meandros de um labirinto sem centro e sem periferia, sem marcas, indefinido, potencialmente infinito (Larossa, 2017, p. 181).

No som peculiar do percurso labiríntico, as palavras e a escrita preenchem a melancolia do medo em relação ao processo das encruzilhadas, lugares de chegada e de dispersão, nesse entrelugar, o estudante quando estuda se cala, mas também sobrevive à imensidão dos barulhos da modernidade da cultura à sua volta. Esse tempo pode ser na madrugada, na manhã, na tarde, de noite, ou, no tempo possível de cada um na primeira luz do dia, ou nas outras sombras cujo espírito do estudante esteja alerta.

Mas, mesmo assim, o estudo não é possível. Com todo o tempo, com todo o silêncio, com toda a atenção concentrada, o estudo ainda não é possível.

Com toda a melancolia, com todo o mau gênio, com toda a aspereza, o estudo ainda não é possível. No espaço sem marcas do labirinto e no tempo sem intervalos da madrugada, o estudo ainda não é possível. O estudante, para estudar, ainda necessita fazer um lugar para si, para habitá-lo e demorar-se nele. Ainda necessita encontrar um lugar para se perder (Larossa, 2017, p. 183).

Esse mundo perfeito, pensando no estudante brasileiro normal, de fato, é anunciar o apocalipse impossível, perfeitamente engedrado na dinâmica repleta de desafio inerentes ao ser de cada um estudante no qual as condições mínimas para um estudo honesto estão ausentes: escola, universidade, biblioteca, livros, quarto, mesas, cadeiras, notebook, internet etc. Por conseguinte, o estudo surge quando as respostas fáceis não saturam a realidade das perguntas que possibilitam o ato e as condições de estudar.

Sabe-se que os desafios são grandes e inerentes à nossa própria perspectiva sobre o ato de estudar. Libanio aponta, em “Introdução à vida intelectual” (2001), que dedicar-se à vida intelectual implica numa vocação de ordem cognitiva, mas também é “uma questão de personalidade, e essa se forma por meio de atitudes de comportamento e de valores básicos” (Libanio, 2001, p. 18). Essa dimensão intelectual participa da construção de mundo conjugando “o trabalho de autoconhecimento e de comunhão com a realidade [...] a mola da vida intelectual é a sedução da verdade, é o maravilhar-se diante do significado da realidade” (Libanio, 2001, p. 28, 30).

Independente da era, analógica, digital, ou outra cronotopia, saber pensar, atitude de realismo, emprego do tempo, honestidade intelectual, mente aberta, senso crítico, responsabilidades com o seu contexto e a atitude permanente de aprendizado conduzem, segundo Libanio (2001), a três atitudes para saber pensar: o que diz a realidade? o que me diz a realidade? o que me leva a dizer a realidade? Momento objetivo, momento subjetivo e o momento intersubjetivo de uma mesma dimensão da educação como formação humana, nossa postura em face ao mundo, ao outro, a nós mesmos. Assim sendo, temos o privilégio de estudar na era digital. Contudo, é pertinente saber usar o tempo para não se perder em meio a tantas informações, usando-as para o processo de formação de uma cabeça bem feita.

A educação como formação humana e o ato de estudar na dimensão proposta neste artigo, a perspectiva popular brasileira, por si só já é mais um desafio a ser enfrentado no

labor intus. Para muitos, estudar, trabalhar e cuidar da família faz parte do óbice diário a ser transposto com a devida força direcionada à resistente condição que se quer conquistar. Para outros, que estudam como ato prioritário, até por força da pouca idade, também lhe sobrevêm o peso da responsabilidade da convulsão das pressões da idade e da vida a frente. Num recorte político-geográfico, quem estuda na cidade, ou no campo, instituição particular ou pública, também influencia no *modus operandi* dessa operação pedagógica do ato de estudar. Algo que no nível individual, ou coletivo, são direitos fundamentais dispostos na Constituição brasileira de 1988, a educação como esforço colaborativos de Estado, família e sociedade visando o pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Para tentar entrar e sair desse labirinto, destacou-se até aqui, então, algumas teses norteadoras: a experiência do ato de estudar é coletiva e individual; a experiência do ato de estudar tem materialidades envolvidas; a experiência do ato de estudar tem gestualidades resistentes à moda brasileira; e para isso, estudar é a própria experiência revolucionária, ou seja, não aquilo que nos passa, mas aquilo nos atravessa, de maneira singular, a estrada que se abre para a caminhada, e assim, a forma é plausível de ser refeita e refeita quantas vezes forem necessárias mediante as educações aceitas como formação humana escolhida.

SOBRE O ATO CRÍTICO DE ESTUDAR

Paulo Freire (2001) assevera que estudar é realmente um trabalho difícil, exige de quem o faz uma postura crítica sistemática, exige disciplina intelectual que ano se ganha a não ser praticando-a. Claro que essa assertiva é um claro golpe freireano à chamada “educação bancária” que não estimula postura dialógica, nem crítica, mas a morte do espírito investigador e a ingenuidade em face do texto e da vida. A exigência contemporânea do ato de estudar não pode ser contido e submetido a fatores mecânicos e superficiais, no qual o estudante fica à mercê de uma receita de um bolo sem saber e sabor.

O ato de estudar a partir de uma perspectiva crítica, onde mundo e palavra, texto e contexto, leituras e escritas interagem segundo uma necessidade brasileira de uma significativa apropriação de que a leitura do mundo pode vir antes e depois da leitura da palavra. Essa postura crítica é fundamental ao ato de estudar, para isso, “não posso duvidar

que duvido; logo, eu penso. Se penso, logo, eu sou, isto é, eu existo na primeira pessoa como sujeito. Então surge o mistério: o que é este “eu” e este “sou”, que não é simplesmente é?” (Morin, 2003, p. 117).

Para esse descobrimento progressivo e imprescindível, é necessário que o “eu” sujeito do ato de estudar entenda o seu papel ativo no processo, e não apenas seja um recipiente no qual currículos e disciplinas encham-no de conteúdo. Na verdade, deseja-se mais que isso, o estudo sério em face do mundo e da palavra possuem a força mágica e revolucionária de uma não domesticação textual para o devido não condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. Por conseguinte, estudar seria uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto (Freire, 2001).

Ou seja, para Paulo Freire, a atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente. Desse modo, espera-se que o estudo sério, por exemplo, de um livro como de um artigo de revista, implique não somente numa penetração crítica em seu conteúdo básico, mas também numa sensibilidade aguda, numa permanente inquietação intelectual, num estado de predisposição à busca (Freire, 2001).

De modo semelhante, Platão, em “A República”, no livro VII, no fim da narrativa da chamada “Alegoria da caverna”, “a educação poderia ser a ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vista em olhos cegos” (Platão, 2001, 518c). De outro modo, ampliando a discussão, o filósofo aponta para uma faculdade da alma inerente ao humano no qual a sua mobilidade crítica perpassa o entendimento de que a educação se assemelhe a uma conversão.

A educação não será mais do que a arte de fazer essa conversão, de encontrar a maneira mais fácil e eficiente de consegui-la, não é a arte de conferir vista à alma, pois vista ela já possui; mas, por estar mal dirigida e olhar para o que não deve, a educação promove aquela mudança de direção (Platão, 2001, 518d, p. 324).

Mais do que dar nova visão, a educação é a capacidade de bem apontar um novo olhar para o que de fato interessa, a possibilidade de direções à frente, e o esclarecimento de rumo e prumo, onde ir e como ir. Logo, os meios de acesso, permanência e formação nos níveis da educação básica e superior brasileira podem ser um dos meios de acesso a

novas rotas e direções. Mediante o ato de estudar, aquele que estuda, e assim permanece, vai adquirindo a ciência e a consciência crítica de possibilidades a percorrer, o chão que se quer fazer a caminhada. Refere-se, então, ao que é inerente à “formação do cidadão, pelo estímulo de uma tomada de consciência, por parte do estudante, do sentido de sua existência histórica, pessoal e social” (Severino, 2017, p. 18).

A atitude frente ao mundo ultrapassa a relação leitor-livro ou leitor-texto, a educação como práxis política exige um enfrentamento como sujeito do processo e da realidade concreta do contexto social do indivíduo envolvido no processo de prática do ato de estudar e da oportunidade que o estudante tem de esclarecimento e emancipação, aqui utilizado como sinônimo de autonomia de uma postura curiosa e crítica para o devido aproveitamento dialógico na compreensão e mediação do condicionamento histórico-sociológico e ideológico do autor, da obra, do texto, do leitor tendo em vista a coerência com a atitude crítica que independe do número de páginas lidas, entretanto, o volume crítico alcançado no qual, de fato, estudar não seja somente um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las. E dessa perspectiva, objetiva-se:

Introduzir o discente no mundo dos procedimentos sistemáticos e racionais, base da formação tanto do estudioso quanto do profissional, pois ambos atuam, além da prática, no mundo das ideias. A prática nasce da concepção sobre o que deve ser realizado e qualquer tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como o mais lógico, racional, eficiente e eficaz (Marconi; Lakatos, 2017, p. 25).

De alguma maneira, o ato de estudar passa pelo crescente aspecto de ciência e consciência crítica, isto é, os usos e a instrumentalização da formação fundamentada, sistemática e eficaz. O recorte feito neste artigo destaca o cenário brasileiro, privilegiando a realidade das camadas populares e seus desafios inerentes à educação e ao ato de estudar, na qual mundo e palavra estão ligados, língua e realidade permanecem dialeticamente associados, bem como o posicionamento crítico do sujeito do ato de estudar nas relações educacionais de texto e contexto.

A educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história. [...] E aqui devemos ser todos sujeitos, solidários nesta tarefa conjunta, único caminho para a construção de uma sociedade na qual não existirão mais exploradores e explorados, dominantes doando sua palavra opressora a dominados (Freire, 2001, p. 7).

Mais que utopia, e ainda mais que vontade uma onírica pedagógica, a clareza de pensar a educação como formação humana é um ato político, ou seja, um direito social à efetiva educação, à cidadania e à emancipação, nos dá a percepção do nosso fazer pedagógico e político, portanto, é uma questão de oportunidade e poder, aos que historicamente, não tiveram nem um nem outro. Ademais, ao utilizar o pensamento de Paulo Freire, este artigo não o adota como guru salvífico nem o diaboliza ideologicamente, ambas as perspectivas são posições hiperbólicas que não contribuem para pensar a complexidade da educação brasileira contemporânea (Lima, 2021).

Ademais, o que se pretende sim é a perspectiva de pensar a educação brasileira popular do pobre excluído em relação aos acessos, ao ato de estudar e de se educar de modo eficaz. Isso sim interessa, a filosofia da educação brasileira de Paulo Freire como elemento importante para ressignificar a educação ainda hoje: “o ato de continuar a estudar e a debater Freire, seguindo as suas próprias reflexões sobre o que é estudar, é, afinal, o único ato que o pode libertar da lei da morte, isto é, do esquecimento” (Lima, 2021, p. 120).

Dessa forma, no labirinto brasileiro do ato de estudar na era digital, na infinidade de possibilidades de acesso à informação e aos conhecimentos, o estudante deve assumir o papel de sujeito desse ato, assim como manter uma atitude frente ao mundo, e por conseguinte, buscar não apenas ter uma cabeça bem cheia, entretanto, uma cabeça bem feita. Essa será a chance e a meta para não se perder no *labor intus*, o trabalho interno, no labirinto e nas encruzilhadas do ato de estudar e formar-se, para isso, a educação promove a conversão, a mudança de mentalidade, alteração de rota, o apontamento de um novo caminho possível para que cada um possa percorrer, a passos firmes, o seu próprio construir formativo e consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epígrafe que iniciou este artigo, do poeta espanhol Antonio Machado, foi na verdade o convite aberto e a base na qual a educação brasileira está assentada, ou seja, o estudante caminhante, mediante seus passos e direções, tem o caminho à frente, e nada mais, e como caminhante, faz o seu próprio caminho ao andar mediante a direção que escolheu, o ato de estudar, o letramento da existência, a educação em movimento para a

construção do presente-futuro dessa pessoa, que se forma na medida em que caminha nos processos educativos que teve acesso, permanência e conclusões possíveis.

Nascidos digitais e imigrantes digitais, especificamente das camadas pobres, a realidade brasileira, com os devidos desafios e dificuldades, encaram a era digital como mais um espaço e oportunidade de afirmação de vida, bem como a própria construção do sujeito que está se formando e tem apenas a educação, mas também a escolarização, como *medium* de ascensão econômica pessoal, profissional, familiar e assim por diante.

Para essa grande camada da população brasileira, durante décadas, ouviu a expressão “terminar os estudos”, algo que no século passado era concluir o segundo grau, ensino médio, e arrumar um emprego qualquer para começar a vida. Um rico brasileiro nunca teve que ouvir a famigerada expressão porque desde o Brasil Império, quando por aqui não existia Universidade, ele poderia estudar leis em Coimbra, Portugal. Ou, mais recentemente, esse mesmo abastado hipotético poderia pagar milhares de reais por mês em uma Faculdade de medicina privada, ou por força, de uma ótima escolarização na infância e adolescência entre em qualquer curso e universidade pública. A estrada para o estudante rico está pavimentada há décadas, já para o estudante pobre brasileiro, às vezes, nem estrada tem.

Por isso, esta reflexão objetivou dialogar com diversos autores, privilegiando um, o nordestino, educador, pensador e crítico da educação e das realidades brasileiras, Paulo Freire. A perspectiva crítica e libertadora é um caminho de emancipação e esclarecimento que aponta norteamentos não apenas no milênio passado, entretanto, se ressignificam e dialogam com o tempo da era digital e da revolução da informação na qual estamos inseridos. O enfrentar esse mundo de maneira consciente, com as intencionalidades abordadas anteriormente mediante o recorte proposto, é o chão possível para que o estudante, pelo ato de estudar, recrie seu mundo e seu presente-futuro.

O labirinto do ato de estudar propõe tentar perceber as encruzilhadas de chegada e direções a seguir sobre o ato crítico de estudar, logo, também a devida instrumentalização que o estudante pode redirecionar a vida no nível das escolarizações possíveis durante a vida, assim como de diversos processos outros de educação, que sempre ultrapassam a dimensão da escola presencial ou online, e dessa forma, a formação humana na era digital, quer seja um nascido digital ou imigrante digital, o ato de estudar perpassa a experiência

do sujeito como ato de resistência e (re)existência na educação popular brasileira para estudantes oriundos de classes pobres, por exemplo, uma espécie de um novo letramento consciente da existência dentro das desigualdades existentes e experienciada pelo estudante das diversas regiões do Brasil. Para esses, que nunca “terminem os estudos”, porque a elas e a eles, estudantes, também é dado, como direito fundamental, a estrada da educação como direito e dever de todos.

REFERÊNCIAS

- BATES, Anthony W.** *Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.
- FREIRE, Paulo.** *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo.** *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo.** Considerações em torno do ato de estudar. 1968. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/228/Considera%C3%A7%C3%B5es%20em%20torno%20do%20ato%20de%20estudar.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- LAROSSA, Jorge.** *Pedagogia profana*. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LIBÂNIO, João Batista.** *Introdução à vida intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001.
- LIMA, Licínio C.** Considerações em torno do ato de estudar Paulo Freire. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 38, n. 1, p. 95-122, jan./jun. 2021.
- MACHADO, António.** Proverbios y cantares, XXIX. In: _____. *Poesías completas*. Madrid: Espasa-Calpe, 1983.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria.** *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MORIN, Edgar.** *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- OLIVEIRA, Gian Márcio Paiva de et al.** O ato de estudar na vida acadêmica. 2007. UFPB – PRG – X Encontro de iniciação à docência. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/iniciacao/documentos/anais/4.EDUCACAO/4CFTDCSAMT01.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PLATÃO. *A República*. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico* [livro eletrônico]. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.